

INSCREVER-SE PARA ESCREVER: RELAÇÕES DIALÓGICAS EM PRÁTICAS SOCIAIS DE ESCRITA NA MÍDIA VIRTUAL

SIGNING UP TO WRITE: DIALOGICAL RELATIONS IN WRITING SOCIAL PRACTICES IN VIRTUAL MEDIA

Pedro Farias Francelino
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Neste artigo, propomo-nos a uma análise de enunciados escritos produzidos em uma rede de interação social virtual, buscando observar como os sujeitos se inscrevem nessas instâncias e de que estratégias enunciativo-discursivas se valem para construir sentidos. A perspectiva teórica adotada é a Teoria da Enunciação de Bakhtin (2000, 2005) e Volochínov (1976 [1926]), além dos pressupostos da perspectiva dialógica de estudos da linguagem. As análises apontam para o fato de que o processo de constituição do sujeito, nessas instâncias de produção de linguagem, se estabelece de forma bastante peculiar, tanto no que diz respeito ao posicionamento socioaxiológico e ideológico quanto no que concerne à natureza das operações enunciativo-discursivas que realiza na elaboração de tais enunciados, caracterizados por constantes (re) formulações, (re)estruturações e (re)significações, aspectos estes representativos do espaço em que são produzidos/recebidos.

Palavras-Chave: Dialogismo; Interação Social; Relações Dialógicas; Escrita virtual.

ABSTRACT

In this article, it is intended to analyze written utterances produced in a social virtual interaction network; for this, it is observed how subjects are inscribed in these instances and what enunciative-discursive strategies they use to construct senses. The theoretical perspective followed is the Volochínov (1976 [1926]) and Bakhtin's (2000, 2005) Enunciation Theory, as well as other authors who work in the dialogical perspective of language studies. The analyses show that the constitution of subject process, in these language production instances, is established in a peculiar way, either in the sociological-ideological perception and in the nature of discursive-enunciatives operations that perform in such utterances, characterized by

constant (re)formulations, (re)structurations and (re)significations, representative aspects of the space in which they are produced or received.

Keywords: Dialogism; Social Interaction; Dialogical Relations; Virtual Writing.

INTRODUÇÃO

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-repostas imediatas e uma ressonância dialógica.

Mikhail Bakhtin

Em algumas esferas de interação socioverbal, há orientações sobre a prática de escrita orientada pela perspectiva dialógica da linguagem inspirada nas ideias do Círculo de Bakhtin. É o que podemos observar, por exemplo, na esfera pedagógica, especificamente no âmbito de ensino de língua, instância em que se verificam as ressonâncias teórico-metodológicas dessa perspectiva, presentes em orientações curriculares, materiais didáticos, eventos de formação continuada etc. Na esfera da comunicação social, mais precisamente no campo do jornalismo escrito, também é possível encontrar, mesmo que sob a forma prescritivo-normativa, uma orientação para a produção escrita, na qual se vê uma preocupação com estilo, interlocutor, suporte de circulação etc.

A questão que se coloca aqui é a seguinte: por que não se estender essa iniciativa para as muitas e variadas “esferas da atividade humana”, para usar uma expressão bakhtiniana, sobretudo numa época marcada pelos avanços das tecnologias da informação e da comunicação, que requerem do sujeito moderno um desempenho competente nas interações sociais de que participa? Os espaços midiáticos, principalmente os da mídia virtual, exigem dos sujeitos performances linguístico-discursivas cada vez mais bem cuidadas, dado o grau de exposição à opinião pública. A presente comunicação encaminhará uma reflexão sobre a escrita nesse espaço social e apresentará, sob a perspectiva da análise dialógica do discurso, proposições que possibilitem a construção de um dispositivo analítico que

subsidie o exercício da produção de textos escritos nessa instância de uso da linguagem.

As práticas de escrita em nossa sociedade pautam-se por diferentes orientações discursivas, dependendo da esfera de interação social em que elas ocorrem, tais como a acadêmica, a escolar, a midiática, a religiosa etc. Em todas essas esferas, as relações dialógicas presidem o grau de complexidade dos enunciados que aí se produzem, determinando sua espessura dialógico-polifônica, representada no fio do discurso sob as mais variadas formas, dentre as quais destacamos a expressividade, o estilo e o discurso reportado.

Neste artigo, propomo-nos a uma análise de enunciados escritos produzidos em uma rede de interação social virtual, buscando observar como os sujeitos se inscrevem nessas instâncias e de que estratégias enunciativo-discursivas se valem para construir sentidos. Para isso, evocamos as ideias sobre linguagem, sujeito e discurso elaboradas por Bakhtin e por Volochinov. Pretendemos verificar como a dinâmica das relações dialógicas entre esses enunciados confere uma densidade discursiva, adensando índices de valoração e contribuindo para a instauração de diferentes pontos de vista acerca do(s) tema(s) abordado(s).

Nossa preocupação reside em demonstrar como alguns conceitos formulados no âmbito dos escritos do Círculo de Bakhtin acerca das relações entre homem, linguagem e mundo, a despeito de não constituírem um arcabouço metodológico fechado/acabado, podem contribuir para a elaboração de um dispositivo propício à abordagem de textos/discursos, tanto do ponto de vista da produção quanto do da leitura.

Antes, destacamos duas importantes delimitações que subsidiam esta formulação; elas se justificam em virtude da amplitude e complexidade das ideias de Bakhtin e do Círculo, cujo espaço/tempo não possibilita um tratamento mais exaustivo do tema. Esse recorte, evidentemente, não exclui outros importantes conceitos/temas indispensáveis à compreensão desse pensamento, como os conceitos de sujeito, discurso reportado, polifonia, carnavalização, entre outros.

Essas delimitações são de duas ordens: i) uma delimitação conceitual, em que destacamos as noções de relações dialógicas e de enunciado; ii) uma delimitação dos textos do Círculo que favorecem uma discussão tanto teórica quanto metodológica mais aprofundadas sobre a temática e que

representem mais de perto as ideias de Bakhtin ele-mesmo, quais sejam: *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2005) *Estética da Criação Verbal* (2000). Por fim, apresentamos a formulação de um gesto analítico fundamentado no aporte conceitual mencionado, concretizado em proposições que apontam para a caracterização de uma abordagem/prática de escrita em perspectiva dialógica nessa esfera de interação social, porém extensivas a outros contextos de comunicação. Começemos por algumas considerações teóricas acerca do enunciado e das relações dialógicas.

1. O enunciado e as relações dialógicas no pensamento do Círculo de Bakhtin

Um princípio fundamental considerado pelos integrantes do Círculo de Bakhtin no enfrentamento das questões acerca da linguagem é o fato de ela ser constitutivamente dialógica, ou seja, os enunciados produzidos pelos sujeitos falantes são sempre marcados, em maior ou menor grau, pela presença de outros enunciados. A riqueza e complexidade desse pensamento consistem em que a relação entre enunciados ocorre de uma forma multifacetada, da qual se originam múltiplas formas de atuar socialmente com e por meio da linguagem e, conseqüentemente, múltiplas possibilidades de produção de sentidos.

Isso só é possível porque o sujeito da enunciação caracteriza-se, nessa abordagem, como um ser de resposta, que adota diante de um enunciado uma atitude ativa responsiva e move-se discursivamente dentro de uma esfera de comunicação extremamente saturada por índices de valoração provenientes de outros enunciados, aos quais faz eco. Como sujeitos sociais, somos convocados a ser/agir, de forma responsiva e responsável, por nossos atos de linguagem ante os objetos de discurso por nós resenhados. Essa é a tônica da filosofia da linguagem arquitetada pelo Círculo de Bakhtin, segundo o qual a relação entre sujeito e linguagem reflete a dinâmica das relações sociais. Conforme Bakhtin (2000, p. 291),

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um *respondente*, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que

utiliza, mas também a existência de enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação [...]

O conceito de enunciado constitui uma peça fundamental do arcabouço teórico desenvolvido pelos integrantes do Círculo de Bakhtin. Todas as nossas formas de interação social se dão por intermédio de enunciados, que constituem a unidade real da comunicação (cf. BAKHTIN, 2000). Mas, qual é a natureza do enunciado, isto é, que aspectos definem sua especificidade como elemento de análise da comunicação socioverbal? Bakhtin (2000) apresenta três particularidades que o definem como tal: i) as fronteiras do enunciado concreto, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes; ii) seu acabamento específico; e iii) as formas estáveis do gênero do enunciado.

O sujeito falante, no processo de enunciação, conclui provisoriamente seu enunciado para dar lugar à emergência de novos enunciados, em relação aos quais novas atitudes responsivas ativas surgirão. Essa abertura do enunciado em suas fronteiras fundamenta a existência de inúmeros elos que vão se formando na complexa cadeia da comunicação verbal, ou, como diria Bakhtin,

Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva*. (BAKHTIN, 2000, p. 294). (Destques do autor).

Outra faceta não menos importante na caracterização do enunciado é o seu acabamento específico. Todo enunciado comporta limites/fronteiras que possibilitam a entrada do outro, a tomada de posição por outros sujeitos que venham a participar do diálogo, sendo isso mesmo o que permite a alternância dos sujeitos falantes. É fundamental que esse acabamento exista para que haja possibilidade de respostas. Para Bakhtin (2000), o acabamento relativo do enunciado é determinado por três fatores inter-relacionados: i) o tratamento exaustivo do objeto de sentido; ii) o intuito, o querer-dizer

do locutor; iii) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento.

A última característica do enunciado diz respeito à relação deste com o próprio locutor (com o autor do enunciado) e com os outros parceiros da comunicação. Esse aspecto é fundamental porque põe em relevo duas noções produtivas para nosso objetivo, que são as de expressividade e de estilo. Ambas dizem respeito à atitude valorativa do sujeito ante o objeto de discurso de que trata, sendo essa atitude também o que determina a escolha dos elementos léxico-gramaticais e composicionais do enunciado. A expressividade e o estilo possibilitam, no nível da língua e da enunciação, verificar formas e graus de inscrição do sujeito no enunciado, considerando-se as relações dialógicas estabelecidas entre os participantes da situação discursiva.

Apresentadas as características do enunciado, ainda que de forma sumária, passemos a algumas considerações acerca das relações dialógicas. Esse conceito aparece em *Problemas da Poética* de Dostoievski ([1929]/2005) no contexto de uma discussão ampla sobre a especificidade do tipo de romance – polifônico – criado por Dostoievski, cujas singularidades não poderiam ser analisadas sob um viés genuinamente linguístico. Segundo Bakhtin, a linguística pura não daria conta de descrever as diferenças entre o uso monológico e polifônico do discurso na literatura de ficção, algo que ele havia encontrado no estudo da obra desse escritor.

Bakhtin percebera em suas análises que havia bem menos diferenciação linguística (diversidade de estilos de linguagem, dialetos territoriais e sociais, jargões profissionais) na obra de Dostoievski do que em muitos escritores de obras centradas no monólogo, como Tolstói, por exemplo. O problema, todavia, não está na existência desses traços definidos por critérios puramente linguísticos, mas “[...] em saber sob que *ângulo dialógico* eles confrontam ou se opõem na obra.” (BAKHTIN, 2005, p. 182). Embora esse ângulo dialógico (ou relações dialógicas) situe-se no campo do discurso, o estudo de natureza linguística *strictu sensu* não lhe é suficiente. Para compreender esse pensamento, reportemo-nos à seguinte definição, formulada por Bakhtin (2005):

As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalingüística.

[...] As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas.” (BAKHTIN, 2005, p. 182-183) (Grifo do autor).

Esses fragmentos são recortes de uma discussão mais ampla e profunda desenvolvida por Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2005), em que apresenta a noção de metalinguística, uma espécie de disciplina que, diferentemente da linguística, ocupa-se do estudo da língua entendida como fenômeno social vivo, real e concreto. A metalinguística tem como objeto de estudo as relações dialógicas, concebidas como relações extralinguísticas, uma vez que, segundo Bakhtin (2000), elas são impossíveis de ocorrer nas formas do sistema da língua, tais como fonemas, morfemas, palavras em estado de dicionário etc., ou até mesmo no texto, quando abordado em seus aspectos estritamente linguísticos. Conforme o autor,

[...] as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. (BAKHTIN, 2005, p. 183).

Outro aspecto relevante nessa discussão é o conceito de posição valorativa. Para que as relações dialógicas existam, é necessário que elas reflitam (e refratem) posições ideológicas dos sujeitos diante dos fatos de mundo retratados em suas enunciações. As formas da língua não dispõem desta condição, de estabelecer, por si mesmas, os mais variados tipos de relação dialógica, embora sejam necessárias e devam estar a serviço do sujeito no ato de produção dos enunciados concretos. Bakhtin (2005) reconhece isso ao afirmar que “As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados.” (BAKHTIN, 2005, p. 181).

Os conceitos de enunciado e de relações dialógicas formulados nos escritos de Bakhtin e do Círculo e apresentados sumariamente nesta seção, embora, como já afirmamos, não constituam um arcabouço teórico fechado, acabado, subsidia uma reflexão extremamente profícua capaz de promover gestos analíticos que nos permitem conceber a escrita em perspectiva dialógica, nos seguintes termos, considerando os enunciados recortados para a análise:

- 1) A escrita em perspectiva dialógica pressupõe uma constitutiva relação entre sujeitos historicamente situados, que representam, pelo menos, dois pontos de vista, duas posições ativas responsivas.
- 2) A escrita em perspectiva dialógica requer um sujeito autor, uma posição ativa valorativa responsável pelos posicionamentos veiculados. Isso implica, para o sujeito, i) uma inscrição no universo sócio-histórico e ideológico em que ocorre a interação, bem como seu envolvimento com o objeto de discurso de que trata; ii) uma inscrição na língua, esta compreendida como organismo vivo, real, concreto, cujas formas atendem a um projeto de comunicação socioverbal; iii) uma inscrição na situação (imediata e/ou ampla) de interação na qual as enunciações ocorrem.
- 3) A escrita em perspectiva dialógica demanda o exercício da escolha de estratégias linguístico-enunciativas propícias à veiculação da expressividade, do estilo, do tom emotivo-volitivo do projeto de dizer de seu autor, dentre as quais, para fins exemplificativos, podemos citar: emprego de estruturas morfossintáticas, uso de relações lógico-semânticas, seleções lexicais, utilização de recursos tipográficos, emprego de sinais de pontuação, de registros de linguagem, de diferentes estratégias argumentativas (por comparação, por alusão histórica etc.), de discurso reportado, dentre outras possíveis.
- 4) A escrita em perspectiva dialógica pressupõe um espaço social de produção/circulação/recepção que confere ao enunciado características prototípicas responsáveis por sua identificação/reconhecimento por parte dos sujeitos da interação. O fórum de debate recortado para a análise a seguir possibilita determinadas formas de atuação/intervenção subjetiva que possivelmente não ocorrem, por exemplo, em um fórum de natureza acadêmica.

Passemos, agora, ao exercício de análise de enunciados selecionados para a abordagem da proposta ora apresentada, lembrando que o propósito maior é o de demonstrar a

2. A escrita em perspectiva dialógica: tecendo os fios da rede – um exercício de análise

A seguir, faremos a análise de alguns comentários de leitores, publicados no site *charges.uol.com.br*, na seção denominada *e-mails comentados*, comandada por Maurício Ricardo. Os comentários foram postados nos dias 23 e 24 de maio de 2012 por usuários do site e o tema discutido foi a greve dos professores das universidades federais brasileiras. Os comentários foram gerados a partir da publicação do e-mail de Diego **Rafael Martins, da cidade de Cornélio Procópio, Paraná.**

O autor da mensagem encaminha, juntamente com o e-mail, uma fotografia que mostra determinada quantidade de cartazes com enunciados cuja temática reporta ao movimento grevista. Os cartazes parecem estar expostos em uma porta de vidro de alguma instituição de ensino superior, tendo em vista o contexto, o que sugere ser algum setor do *campus* da UFPR. Maurício Ricardo atende à solicitação do autor da mensagem (e-mail), comenta de forma rápida seu conteúdo, inclusive de forma muito marcada/valorada, e o insere, juntamente com a foto, no espaço onde ele desencadeia uma série de comentários de leitores, práticas de escrita midiática que serão analisadas à luz da perspectiva dialógica ora apresentada. Antes, porém, da análise dos comentários, é imprescindível uma consideração sobre o enunciado que desencadeou a existência de vários fios dialógicos.

O texto (fotografia) postado traz uma grande quantidade de cartazes afixados em local público e cujo conteúdo explora a recente deflagração da greve dos docentes das instituições federais de ensino superior do Brasil. Trata-se, como se pode ver, de um mosaico de vozes formuladas por sujeitos que ocupam, naquele tempo e espaço (cronotopicamente), uma posição axiológica favorável ao movimento grevista.

Apesar de breves, os enunciado expostos cumprem seu propósito comunicativo, que é o de informar à comunidade (acadêmica e em geral), por intermédio de frases de ordem/efeito, a situação de greve em que se

encontram os docentes e as razões pelas quais lutam, bem como a pauta que reivindicam do governo federal. Percebemos, ainda, que o texto do e-mail estabelece uma relação dialógica coerente com o conteúdo da fotografia, o que mostra a forma como os fios dialógicos provenientes de uma mesma posição enunciativa se entrelaçam. O tom predominante nos enunciados é o do questionamento da política governista e também da conscientização da sociedade sobre a forma como a educação é tratada pelo governo.

Esse tom é estabelecido de forma dialógica, uma vez que os enunciados se reportam insistentemente a possíveis posturas da política adotada pelo atual governo. É o caso, por exemplo, do enunciado “Copa do mundo ou educação: acorda sociedade, educação é prioridade!”, em que fica evidente uma posição discursiva que circula amplamente segundo a qual o governo dá prioridade a investimentos nas obras da Copa do Mundo e não em políticas públicas, como é o caso da educação (inclusive, para ratificar essa ideia, notem-se as discussões bem recentes sobre cotas sociais e votação dos 10% do PIB para a educação). As relações dialógicas, portanto, dão-se a partir desse embate entre visões de mundo acerca do objeto retratado, a greve desse setor do executivo brasileiro. Esse é apenas um exemplo, dado o pouco espaço de que dispomos para análise. A leitura dos demais cartazes demonstra a teia polifônica em que esses enunciados estão envolvidos.

Voltemo-nos, agora, para os comentários dos leitores acerca do e-mail postado por Maurício Ricardo, e-mail este de autoria de Diego Rafael Martins.

vickron 23/05/2012 02:33:15

Cara, em qualquer país sério, se paga bem pra professor. No Japão se paga bem. Na Finlândia se paga bem. Na Coréia se paga bem. Não é de enriquecer ninguém não, não é salário nababesco, é um salário razoável, nem baixo demais, nem alto demais, algo que valorize, mas não acomode. Se o cara quer ganhar muito e ficar rico, ele não quer ser professor, quer ir pra iniciativa privada e montar uma empresa. Se o cara quer ser professor, ele se contenta com outros valores na vida, ver os alunos progredirem, aprenderem, coisas que o dinheiro não paga. Mas, o cara também não é obrigado a ser mártir não, ficar sem contas pra pagar, morar na favela, andar a pé. Com o salário que andam pagando, professor ia virar mulambo.

Nesse fragmento, o sujeito expõe seu ponto de vista apresentando a política de remuneração do professor em países onde esse profissional possivelmente seria melhor valorizado do ponto de vista salarial. No entanto, um aspecto que já nos chama a atenção é a expressividade com que essa opinião é veiculada. Com o adjetivo “sério”, usado no trecho “em qualquer país sério”, o autor do enunciado joga com o pressuposto de que o Brasil, da forma como trata a questão da remuneração docente, não se enquadra no perfil de um país sério, que respeita o profissional da área de educação.

Um aspecto de natureza linguística que logo salta aos nossos olhos e que é pertinente destacar é o uso de estruturas paralelas que ratificam a opinião veiculada (*No Japão se paga bem. Na Finlândia se paga bem. Na Coreia se paga bem*). Observamos que logo após a apresentação da “tese” a ser defendida, o autor do comentário desenvolve a afirmação inicial de seu texto mediante o uso de estruturas com organização sintática semelhante (i. adjunto adverbial em posição inicial na oração, diferente da posição canônica da ordem direta da língua; ii. indeterminação do sujeito, por meio do uso de partícula *se*). Esse paralelismo reitera a força argumentativa da posição desse sujeito, sugerindo ao leitor que o Brasil se coloca no cenário internacional como um dos poucos países em desenvolvimento que não valoriza financeiramente o professor.

Ainda com relação a esse enunciado, seu autor deixa revelar no fio do discurso alguns outros pontos de vista implícitos sobre aspectos da vida ordinária, como: i) o fato de que a favela não é um tipo de moradia condizente com o nível sociocultural de um professor (*Mas, o cara também não é obrigado a ser mártir não, ficar sem contas pra pagar, morar na favela, andar a pé. Com o salário que andam pagando, professor ia virar mulambo.*); ii) quando da adesão a movimento grevista, uma parte dos professores preocupa-se apenas com a questão salarial, deixando aspectos relevantes como o da realização pessoal e o da contribuição para a vida de outros sujeitos (alunos), conforme se lê no fragmento (*Se o cara quer ser professor, ele se contenta com outros valores na vida, ver os alunos progredirem, aprenderem, coisas que o dinheiro não paga.*).

Nesse enunciado, o sujeito responde a outro cuja postagem afirma a adesão ao movimento docente, porém, questiona a categoria por mobilizar-se predominantemente em virtude do reajuste salarial, e não por outros

fatores importantes, como a melhoria da educação. Essa expressividade é resultante da relação intersubjetiva, desencadeada pelo tema discutido. A esse respeito, Bakhtin afirma que

[...] a expressividade do nosso enunciado é determinada – às vezes nem tanto – não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com os quais polemizamos; [...]. A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta*, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro. (BAKHTIN, 2000, p. 317) (Destaque do autor).

A reação-resposta que permeia esse recorte se efetiva, por sua vez, na inter-relação de elementos linguísticos – como o uso do adjetivo – e elementos extralinguísticos – que envolvem o espaço enunciativo em que ocorre a interação, o interlocutor a quem o falante se dirige, o tema que é abordado, dentre outros aspectos inerentes essa situação socioverbal. Em determinado momento do trecho, o autor adere às ideias defendidas pelo sujeito que o antecedeu, quando mostra que o exercício dessa profissão não traz riqueza, embora possa trazer realização pessoal, porém, a contestação logo é retomada, ao se reportar às condições sociais e econômicas que envolvem essa discussão. Isso exemplifica bem o que afirmou Bakhtin (2000, p. 317): “Pois nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.”

Um último aspecto digno de nota nesse fragmento é referente ao léxico. Observamos que o autor utiliza o termo “nababesco” para caracterizar (adjetivar, portanto, valorar!) a palavra “salário”. Essa palavra, no contexto retratado/refratado, confere uma densidade ideológica e axiológica bastante arrojada ao enunciado, pois sugere um autor com um conhecimento de mundo considerável e convoca para a interação um leitor que assumira uma posição semelhante, capaz de construir sentidos e multiplicar os fios

dialógicos dessa trama discursiva. Um conhecimento *presumido*, para usar um termo de Volochínov [192], sobre o qual se construiu a formulação em análise é que “nababo” (*nawab*, na transliteração do hindu), era originalmente o título dado ao alguém que exercia uma função semelhante a de um governador provincial ou vice-rei de uma província ou região do Império Mogol. Com o tempo, esse termo passou a ser usado como título de honraria, sendo usado, figurativamente, para designar uma pessoa rica e ostentadora (cf. Wikipedia).

Considerando o enunciado em análise, constatamos que seu autor se inscreve histórica e socialmente, mobilizando um conhecimento de mundo extremamente coerente com o ponto de vista que veicula na enunciação, quando defende o pagamento de um salário mais condizente com as necessidades do professor. Nesse sentido, ao usar o termo “nababesco”, o autor do enunciado instaura uma relação dialógica com outras vozes, reportando-se a um conhecimento de natureza histórica o qual seus interlocutores devem considerar, quando de sua retomada (réplicas, tréplicas etc.). Vejamos, agora, outro fragmento:

vickron 24/05/2012 06:09:16

Vocês acham que professores entram em greve porque são idiotas manipulados por interesses políticos? Oras, francamente, eles são mal pagos, e não dão conta de pagar as contas no fim do mês, é greve, ou é arranjar outro emprego e desistir de ser professor. E sim, claro que a greve prejudica alunos, a quem mais uma greve de professores iria prejudicar? Cadê os pais desses alunos? Não são eleitores? Não vão cobrar dos políticos que dêem um aumento rápido? Não veem o quanto os professores ganham pouco e o quanto os seus filhos estão sendo prejudicados? É um bando de pais de alunos, eleitores, que não estão nem aí. E é por isso que os políticos não estão nem aí para a greve dos professores...

Este enunciado evidencia, em primeiro plano, a atitude responsiva ativa de um sujeito que se posiciona favoravelmente à greve dos docentes, assumindo uma postura questionadora, com perguntas retóricas de efeito, em tom de desabafo, que ao mesmo tempo cobra do interlocutor uma postura ativa, engajada na militância da luta por melhores condições salariais. Chega, inclusive, a conclamar os pais de alunos e sociedade em geral (eleitores) a saírem de um possível comodismo, como forma de reagir

à situação retratada.

Verificamos, aqui, um maior grau de inserção desse sujeito na esfera discursiva em que enuncia, cuja tomada de decisão materializa-se no fio do discurso por meio de um léxico quase agressivo (“ídiotas manipulados”, “bando”) e pelo uso abundante de um sinal de pontuação (ponto de interrogação), o que expressa o tom emotivo-valorativo do sujeito autor do enunciado. Provavelmente, a intensidade com que esse sujeito vivencia essa realidade decorre de seu nível de engajamento nessa experiência: a expressividade de um militante será diferente, por exemplo, da expressividade de um sujeito que apenas esteja acompanhando os fatos, como um telespectador. Essa entonação expressiva, entretanto, não é inerente às formas linguísticas, mas “[...] nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual.” (BAKHTIN, 2000, p. 313).

Do ponto de vista da linguagem, registre-se o nível de coloquialidade com que o sujeito se expressa e expõe sua opinião. Discursivamente, esse uso é pautado pelo conhecimento que esse sujeito tem acerca de sua inserção social, pois (i) ele interage por meio de um recurso midiático popular; (ii) ele ocupa a posição de um comentarista, mais um dentre centenas, milhares, o que seria diferente se se tratasse de uma outra função enunciativa, como a de presidente de sindicato, reitor de alguma instituição etc. Esse fato permite que ele faça determinadas asserções sem preocupações maiores com sanções de qualquer ordem. Passemos à análise de mais um elo dessa cadeia de comunicação verbal.

fawito2 23/05/2012 09:54:38

max_the_smart =- > Concordo em partes. O caminho para melhorar a educação não é esse [a greve]. É um caminho longo que passa por políticos ganhando menos e trabalhando mais, reforma judiciária (nossas leis são muito burocráticas, complexas e cheias de falhas), reforma tributária, (com menos impostos as empresas terão mais dinheiro para investir na educação profissional), reforma educacional, (incluindo a meritocracia, não aprendeu não passa de ano) e a principal, reforma política. Educação de qualidade tem que refletir uma sociedade de qualidade como um todo. Greves de professores, ainda mais em ano de eleição, só serve para fins políticos. Não é um movimento genuinamente dos professores, e sim atende a interesses políticos, e quem sofre é o próprio povo.

O enunciado acima constitui uma réplica de “fawito2” a uma postagem imediatamente anterior, de autoria de “max_the_smart”. Este retoma ideias já apresentadas, defendendo a tese de que os professores merecem salários compatíveis com sua função e importância sociais e que há necessidade de investimentos em educação, inclusive em aspectos infraestruturais. Em seguida, faz uma breve contextualização histórica do contexto de surgimento da greve como instrumento de pressão contra os patrões e conclui esse raciocínio afirmando que, no caso de greve na educação pública, não há efeito sobre os “patrões” e que os maiores prejudicados são os estudantes (*“Pra mim, isso parece meio como fazer inocentes que não têm nada a ver com isso (os estudantes) como reféns. Meio que um sequestro mesmo... porque os únicos que são afetados e sofrem a pressão são os estudantes.”*).

O sujeito “fawito2”, por sua vez, insere-se no debate posicionando-se parcialmente a favor de seu interlocutor, porém, atuando com uma pretensão de aprofundar o diálogo, no sentido de apontar o “melhor” caminho para se resolver os problemas na área de educação no Brasil. Esse tom impresso pelo autor ao enunciado adquire contornos dialógicos bem mais densos nessa enunciação, pois nela se revela uma posição axiológica possivelmente conhecedora de esferas sociocomunicativas diversas, como a jurídica, a política, a financeira, a pedagógica etc. às quais se reporta, o que imprime um efeito argumentativo intenso ao embate.

Notamos que, do ponto de vista da organização textual, o autor do comentário estabelece uma ordem hierárquica dos tipos de reformas de que nosso país necessita, colocando no topo, como um “golpe” final na argumentação, a reforma política. Esse entendimento – o de que há uma urgente necessidade de uma reforma política – decorre de uma compreensão geral por parte da sociedade de que nossa estrutura política precisa ser mais funcional e atender aos interesses da população. Segundo Volochínov [1926], p. 7, “A comunhão de julgamentos básicos de valor presumidos constitui a tela sobre a qual a fala humana viva desenha os contornos da entoação”. Nesse caso, a entoação atribuída a esse tema, no enunciado em questão, decorre de um conjunto de valores conjuntamente sentidos/vistos/avaliados pelos sujeitos sociais brasileiros situados nesse contexto em que se formulam esses discursos.

O uso de um léxico especializado demonstra o nível de comprometimento sócio-histórico desse sujeito no universo da discussão temática travada nesse fórum de debate, bem como se pode notar um tom de convicção, de afirmação de um ponto de vista consolidado e amadurecido acerca do objeto de discurso resenhado. O significado das palavras empregadas no enunciado é garantido pelos partícipes da interação, contudo, se reveste de uma expressividade que marca o lugar desse sujeito nessa enunciação. Isso ocorre porque

As significações lexicográficas das palavras da língua garantem sua utilização comum e a compreensão mútua de todos os usuários da língua, mas a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto. (BAKHTIN, 2000, p. 313)

Percebemos, nesse sentido, que é exatamente o fato de as palavras do enunciado estarem impregnadas da expressividade e individualidade de seus autores que possibilita a alternância dos sujeitos falantes, com a exposição de suas posições valorativas acerca do objeto de discurso retratado. Também não podemos ignorar, nessa análise, o posicionamento claro desse sujeito acerca da função do político em nossa sociedade: o “fatiamento” desse enunciado revelaria inúmeras camadas discursivas marcadas por diferentes entonações expressivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As especificidades do espaço enunciativo bem como sua organização (multimodal) como suporte, o tema da enunciação, o sujeito e sua inserção histórico-social, o tom emotivo-volitivo, a expressividade e o estilo dos enunciados demonstram que a prática de escrita em ambientes com essa caracterização carece, ainda, de uma descrição/análise mais consistente, com vistas à compreensão da densidade e complexidade das relações dialógicas que aí acontecem. A perspectiva dialógica da linguagem parece poder contribuir de forma significativa, uma vez que encara o discurso como língua viva, real e concreta.

As ideias do Círculo de Bakhtin revisitadas nessa comunicação,

juntamente com os dados analisados, ainda que de forma não tão aprofundada, apontam para o fato de que a escrita, quando abordada na perspectiva do dialogismo bakhtiniano, consiste: i) numa prática social de linguagem extremamente complexa, para a qual concorrem questões de todas as ordens possíveis: linguística, enunciativa e discursiva; ii) numa prática social de linguagem da qual o sujeito participa na qualidade de um centro de valores, com multifacetadas visões de mundo acerca da realidade em que se situa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. – (Coleção Ensino Superior). 421p.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução direta do russo por Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro : Rocco, 2003. 319p.

VOLOCHINOV. [1926]. *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.

_____. **Estrutura do Enunciado**. [1930]. 2005. Tradução de Ana Vaz para fins didáticos. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nababo>.